

# BOLETIM

UNIVERSAIS E INTERDEPENDENTES

Comissão  
de Direitos  
Humanos

9ª edição

Outubro/Novembro/  
Dezembro de 2021



Racismo é  
uma coisa da  
minha cabeça  
ou da sua?

pg. 8



Ori entre as  
preces de  
Fanon e as  
evocações  
de Beatriz  
Nascimento



Dia da  
Visibilidade  
Intersexual

pg. 11



pg. 14

Depoimentos

pg. 21



**ENTREVISTA**

*Dia Internacional  
da Pessoa com  
Deficiência,  
Psicologia e a Luta  
Anticapacitista*

**CAMILA ALVES E  
WALLERIA SURI**

pg. 19



60  
ANOS



Comissão de Direitos  
Humanos do Conselho  
Federal de Psicologia

© 2021 Conselho Federal de Psicologia

É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte.

Disponível também em: [www.cfp.org.br](http://www.cfp.org.br)

9ª edição - 2021

**Projeto Gráfico** | Agência Movimento

**Diagramação** | Agência Movimento

**Revisão** | MC&G Design Editorial

### **Referências bibliográficas conforme ABNT NBR**

Direitos para esta edição – Conselho Federal de Psicologia: SAF/SUL Quadra 2, Bloco B, Edifício Via Office, térreo, sala 104, 70070-600, Brasília/DF

(61) 2109-0107 E-mail: [ascom@cfp.org.br](mailto:ascom@cfp.org.br)/[www.cfp.org.br](http://www.cfp.org.br)

Outubro/Novembro/Dezembro de 2021

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B688 Boletim : Comissão de Direitos Humanos do CFP [recurso eletrônico] / Conselho Federal de Psicologia. — v. 1, n. 9, out. / nov. / dez. 2021 — Brasília : CFP, 2021.

Dados eletrônicos (pdf).

Trimestral

Inclui bibliografia.

1. Psicologia social. 2. Psicologia política. 3. Direitos humanos — Brasil.  
I. Título.

CDD 323.40981

**BOLETIM - UNIVERSAIS E INTERDEPENDENTES | 9ª edição**

**Coordenação Geral/CFP**

EMANUELLE SANTOS SILVA *Coordenadora Geral*

RAFAEL MENEGASSI TANIGUCHI *Coordenador Adjunto*

**Gerência de Relações Institucionais**

DANIEL ARRUDA MARTINS *Gerente*

MARÍLIA MENDES DE ALMEIDA *Assessora*

BRUNA DUTRA GALVÃO *Técnica Administrativa*

MARCELA ALICE DE ANDRADE *Técnica Administrativa*

**Gerência de Comunicação**

RAPHAEL GOMES *Gerente Interino*



## CONTRIBUÍRAM PARA ESTA EDIÇÃO

### Como autora, autor ou coautor(as) de artigo:

AMIEL VIEIRA (não psicólogo) - 39 anos, Sociólogo Intersexo, Transmasculine e cofundador da ABRAI

RODRIGO FERREIRA DOS REIS (não psicólogo) - Doutorando em História-PPGH (UDESC/FAED). Vinculado Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (AYA).

### Com depoimento:

GAUTHIER KASONGO MBUYI (não psicólogo) - Artista plástico congolês, estudou na Academie de Beaux Art em Kinshasa na República Democrática do Congo. Performer, atua no campo das esculturas e pinturas abordando diversos temas que envolvem as narrativas e experiências da diáspora e situação do negro no mundo.

LOUISE SANTANA (não psicóloga) - Louise Santana, Pedagoga, Especialista em Gestão e Orientação Pedagógica, Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Ceará e Covereadora em Fortaleza pela Mandata Coletiva Nossa Cara PSOL/CE.

MARIA JANE SOARES TARGINO CAVALCANTE (não psicóloga) Mulher Cigana da etnia Calon; Pedagoga; Cursando Gestão, Coordenação e Supervisão Educacional; Fundadora e representante da Associação Comunitária dos Povos Ciganos de Condado Paraíba (ASCOCIC); Conselheira Estadual de Políticas da Igualdade Racial da Paraíba (CEPIR-PB); Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial do Ceará (COEPIR-CE); Conselheira Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR); Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT); Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial do Paraná (CONSEPIR-PR).

MARIA ROSA DE SOUSA RODRIGUES (não psicóloga) - Educadora Popular, Estudante de Psicologia, Assessora de Formação da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará (FETRAECE).

### Com entrevista

CAMILA ALVES (CRP 05/47.038) - Camila Alves é psicóloga clínica, especializada em Terapia Corporal Reichiana. Atualmente é doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense.

WALLERIA SURI (NÃO PSICÓLOGA) - Walleria Suri, 44 anos, Mulher transgênero e com deficiência visual, ativista pelos direitos humanos, consultora em diversidade e estudante de Direito.

**CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA****XVIII Plenário | Gestão 2019-2022****Conselheiras(os)**

ANA SANDRA FERNANDES ARCOVERDE NÓBREGA *Presidente*

ANNA CAROLINA LO BIANCO CLEMENTINO *Vice-Presidente*

IZABEL AUGUSTA HAZIN PIRES *Secretária (a partir de 5 de fevereiro de 2021)*

NORMA CELIANE COSMO *Tesoureira*

ROBENILSON MOURA BARRETO *Secretário Região Norte*

ADINETE SOUZA DA COSTA MEZZALIRA *Suplente Região Norte*

ALESSANDRA SANTOS DE ALMEIDA *Secretária Região Nordeste*

MARIA DE JESUS MOURA *Suplente Região Nordeste*

MARISA HELENA ALVES *Secretária Região Centro Oeste*

TAHINA KHAN LIMA VIANEY *Suplente Região Centro Oeste*

CÉLIA ZENAIDE DA SILVA *Suplente Região Sudeste*

NEUZA MARIA DE FÁTIMA GUARESCHI *Secretária Região Sul*

MARINA DE POL PONIWAS *Suplente Região Sul*

ANTONIO VIRGÍLIO BITTENCOURT BASTOS *Conselheiro 1*

ANA PAULA SOARES DA SILVA *Conselheira Suplente 1*

IZABEL AUGUSTA HAZIN PIRES *Suplente*

KATYA LUCIANE DE OLIVEIRA *Suplente*

LOSILEY ALVES PINHEIRO *Suplente*

RODRIGO ACIOLI MOURA *Suplente*

**Comissão de Direitos Humanos do CFP**

MARIA DE JESUS MOURA *Conselheira do XVIII Plenário do CFP*

ELIANE SILVIA COSTA *Coordenadora da CDH/CFP*

ANDRÉA FERREIRA LIMA ESMERALDO

ARTHUR FERNANDES SAMPAIO

CINTHIA CRISTINA DA ROSA VILAS BOAS

CLAUDIA ANDRÉA MAYORGA BORGES

EMATUIR TELES DE SOUSA

FILIPPE DE MELLO LOPES

IOLETE RIBEIRO DA SILVA

JAQUELINE GOMES DE JESUS

JEANE SASKYA CAMPOS TAVARES

THAYNARA SOUSA SILVA

VITÓRIA BERNARDES FERREIRA

## OUTUBRO



**10/10**

*Dia Mundial da Saúde Mental*

**13/10**

*Dia da Vida*



**15/10**

*Dia Internacional das Mulheres Rurais  
Dia da Bengala Branca (cegos)*



**22/10**

*Dia do Protesto contra o Uso do Eletrochoque*



**26/10**

*Dia da Visibilidade Intersexual*

## NOVEMBRO

**19/08**

*Dia Nacional da Consciência Negra*

# DEZEMBRO



**01/12**  
*Dia do Imigrante*

**10/12**  
*Dia Internacional dos  
Direitos Humanos – 1948*



**13/12**  
*Dia Nacional do Cego*



**03/12**  
*Dia Internacional da  
Pessoa com Deficiência*



**3 de Dezembro**  
Dia Internacional das Pessoas com Deficiência

**NADA SOBRE NÓS SEM NÓS.**





## Racismo é uma coisa da minha cabeça ou da sua?

*Balanco do primeiro ano da campanha das comissões de direitos humanos do Sistema Conselhos (2020-2022)*

### AUTOR:

Comissão de Direitos Humanos

**E**m 2002 a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia realizou a Campanha “O Preconceito Racial Humilha, a Humilhação Social faz Sofrer”. Destaca-se que no mesmo ano de lançamento da primeira campanha sobre racismo, o Conselho Federal de Psicologia aprovou a Resolução CFP nº 18/2002 que estabeleceu as normas de atuação para as(os) psicólogas(os) em relação ao preconceito e à discriminação racial.



Essas normas foram estabelecidas com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, na Constituição Federal Brasileira e nos dispositivos do Código de Ética Profissional estabelecem-se normas para profissionais da área atuarem para eliminar a opressão, a violência, o sofrimento e a marginalização gerada pelo preconceito e discriminação raciais. Foi de suma importância a aprovação dessa resolução para demarcar uma posição antirracista perante a sociedade e perante a profissão.

Dezoito anos depois, retoma-se o tema campanha de 2002 com o lançamento em 20/11/2020 da atual campanha das comissões de direitos humanos do Sistema Conselho para o período de 2020 a 2022. Agora o tema é “Racismo é uma coisa da minha cabeça ou da sua?”. Ao lançarmos o olhar para as diversas iniciativas e atividades relacionadas às temáticas das relações étnico-raciais no âmbito do Sistema Conselhos, compreende-se que ainda há muito por fazer. Por esta razão, a Campanha de 2020 objetiva colocar em evidência a necessidade urgente de fazer enfrentamento a todas as formas de racismo e reafirmar o compromisso com a defesa dos direitos das populações historicamente oprimidas pelo racismo.

Nesse momento em que buscamos registrar a história e a atuação do Sistema Conselhos de Psicologia em relação ao tema, também estamos construindo espaço para novas contribuições. Essa campanha nacional de direitos humanos do Sistema Conselhos de Psicologia será realizada até 2022 e prevê uma série de ações, entre elas: vídeos, podcasts, publicações, prêmio profissional e webinários. Convidamos você a conhecer as peças da campanha e a disseminá-las em suas redes de contato, de forma que você se integre a esse esforço que consideramos necessário no contexto em que nos encontramos. Essa é uma tarefa coletiva.

Já foram produzidos inúmeros podcasts em que convidadas e convidados trazem reflexões sobre as relações raciais no Brasil e na América Latina, questões relativas à população negra e indígena, questões que perpassam da ancestralidade às contribuições da negritude e dos povos indígenas e questões que abordam do rompimento do pacto civilizatório à branquitude e seus privilégios.

Dentre as publicações que estão sendo produzidas, a primeira refere-se aos trabalhos vencedores no Prêmio Virginia Bicudo, que divulgará estudos e ações de coletivos e grupos que envolvam a Psicologia e as Relações Raciais, fundamentadas nos Direitos Humanos e que tenham impacto na saúde mental, na redução das desigualdades sociais e no posicionamento antirracista. Também será publicado livro que abordará denúncias relativas à resolução CFP nº 18/2002 e outras temáticas: Raças e identidade racial; Violência, morte e luto; Modos de resistência antirracista: antimanicomial;



Cultura; Religiosidade; Interseccionalidades e Questões geracionais - infância, juventude e envelhecimento.

Está em curso a realização do I Seminário Nacional de Psicologia e Enfrentamento ao Racismo, voltado para o público interno do Sistema Conselhos de Psicologia. Este seminário tem encontros semanais em que os profissionais dos Conselhos de Psicologia poderão aprender e dialogar com grandes referências da luta antirracista.

A CDH tem buscado dialogar com diversas áreas e campos de atuação da psicologia e lançar um olhar interseccional e decolonial sobre a questão racial no Brasil colocando em debate leituras distintas que possam contribuir para práticas psicológicas antirracistas. Um dos princípios orientadores das diferentes atividades da campanha consiste em reconhecer iniciativas psicológicas antirracistas desenvolvidas ao longo da história da profissão no país e que foram invisibilizadas e ao mesmo tempo disponibilizar ferramentas para que a categoria possa repensar sua prática profissional, incorporando, de forma definitiva, a posição antirracista em sua atuação profissional.

Com essa Campanha de amplo espectro, pretende-se contribuir para o aprimoramento do exercício profissional da categoria em seus mais diversos campos, considerando os temas do racismo, da branquitude e da interseccionalidade de raça, etnia, classe, gênero, deficiência, território e geração. Após um ano de atividades, renovamos o convite a toda a categoria para o engajamento nas reflexões sobre as relações étnico-raciais com a sociedade, com vistas a contribuir para a superação do racismo em diversos contextos sociais.

## Dia da Visibilidade Intersexual

### AUTOR:

Amiel Vieira

**C**onsultório chique na Nove de Julho, uma grande avenida de São Paulo, boas referências: psicóloga do instituto de psiquiatria da USP na parte de sexualidade, indicada pela minha irmã e ex-cunhado. Tinha tudo para dar certo, mas...

Aconteceu a primeira consulta em que contei minha história, sobre a descoberta da intersexualidade, que era recente, além disso estava às vésperas de receber meu prontuário médico do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas em São Paulo. A segunda consulta foi em meio a um turbilhão de mais descobertas, e a sessão te apresento a seguir.

- Boa noite, Doutora
- Tudo bem?
- Tudo sim, Fulana.
- O que me contas?
- Lembra o que te contei semana passada sobre a carta?
- Lembro sim e fiquei a pensar, sobre essa coisa de você se ver como Homem e com esse nome.
- O que você acha disso tudo?
- Você me falou da Insensibilidade Androgênica Parcial, essa não aceitação parcial das suas células, a testosterona.
- Hum.



– O que eu entendo é que há algo no seu corpo que não aceita o que você quer ser e acho que você deveria ouvir.

– Ouvir por quê?

– Por mais que você acredite em sua mente que você quer ser um homem o seu corpo, o seu biológico não quer. Isso é importante. Porque você vive e mora nessa casa chamada corpo, tudo bem você ter uma mente que diz diferente do corpo. Mas então por que brigar entre os dois?

– O mais importante é entender o que o corpo quer, a sua biologia já diz: não quero o masculino.

– Você toma hormônio, né?

– Tomava.

– E quando você tomava, como você via a recepção dele pelo corpo, pela pele, cabelos ou outras partes?

– A pele fica sedosa, meus cabelos sempre crescem e é muito rápido, mesmo quando eu corto.

– Você se vê com barba ou cabelos curtos?

– Com barba, não; mas cabelos curtos, sim. Até porque quando era mais nova pediram pra eu cortar, porque “o cabelo comia hormônio”.

– Isso não é um sonho seu.

– Mas é como mais me identifico.

A conversa continuou comigo bem bravo porque achava que a psicóloga apelou pra meu biológico quando eu nunca me percebi como um exemplo de feminilidade. Eu sempre fui uma menina desajeitada, minhas tentativas de entrar no mundo feminino foram frustradas. Um exemplo disso era o fato de que não conseguia ficar muito tempo com um brinco ou batom, além de que, quando eu fazia toda a arrumação feminina que minha mãe pedia, a raiva era sempre o sentimento, seja ao me vestir seja ao usar alguma dessas coisas. A psicóloga pedia para abraçar a ideia de que meu biológico falava

mais do que me sentia.

Nunca fui mais lá depois dessa consulta. Uma certa ideia de que o primado da biologia é mais forte que a mente e seus desejos ainda paira na sociedade. A descoberta do cromossomo XY, por meio do exame de cariótipo, me deixou ainda mais confiante e confortável. Afinal este “sexo-código”, que Paula Sandrine (2008) aborda em sua tese, finalmente trouxe outro sentido à cegueira que tive por anos, devido à vida religiosa e ao “ensino de gênero” de meus pais. Pude compreender um pouco melhor o que passei e perceber que foi por causa da medicina e de sua orientação sobre a cirurgia de redesignação de gênero. Entendi que esse procedimento defendido pela medicina é fruto de um protocolo médico criado por um psicólogo e sexólogo americano chamado John Money. Ele defendia a teoria da existência de uma “plasticidade de gênero”, por meio da qual afirmava que, após um processo cirúrgico realizado até os 18 meses de vida, seria possível “ensinar um gênero”.

Nessa questão, há um ditado médico que faz efeito, ditado este comum no meio cirúrgico quando se fala de intersexualidade abordado pela socióloga Alice Dreger (1998): “É mais fácil abrir um buraco do que levantar um poste”. Esta frase daria inúmeros textos para este boletim, mas eu ficaria com a premissa de que o heteropatriarcado presente no sistema médico faz os corpos engendrados para a submissão, o bom comportamento e a continuação pela via da reprodução da propriedade privada.

O que também coloca uma pergunta na cabeça? E a sustentação deste sistema não se faz pelo ensino da masculinidade? Por vias cirúrgicas e experimentais isso pode acontecer, mas o resultado desse processo pode ser uma loteria e isso se dá porque a ligação entre o hormônio masculino e o produto da cirurgia pode ter reações que superem ou não o esperado para essa cirurgia.



Minha experiência concorda com essas perguntas e ainda acrescenta o que faz do homem reforçar a masculinidade, seu comportamento centrado no falo ou é mais do que isso? Deixo essa pergunta a vocês, leitores, como um questionamento que coloca o machismo e o falocentrismo lado a lado, diante de uma masculinidade que precisa se livrar daquilo que a sociedade quer dele.

Acredito que instrumentos sociológicos e psicológicos podem responder a esta pergunta-desafio; utilizando a provocação da falecida antropóloga Mariza Correa em um artigo sobre algumas questões relacionadas a intersexualidade “Não se nasce homem”, eu emprestaria o resto da frase de Simone de Beauvoir “Torna-se”. Meu processo é exatamente um tornar-se que não se assenta num membro para exercer a masculinidade, é algo que é construído num cotidiano de construção e reconstrução.

No mês da visibilidade Intersexo, se eu pudesse dar um conselho sobre como tratar esses pacientes, eu diria praticar escuta empática, sem aplicar seus desejos e olhares enviesados mas sim embasados. Lendo artigos, teses e dissertações produzidos por Ian Morland, Morgan Carpenter e Mauro Cabral para quem puder ler textos em inglês e espanhol produzido por pessoas intersexo. Outra dica é ler esses materiais sobre intersexualidade, com olhar mais empático para essa comunidade, produzidos por Shirley Accioly, Paula Sandrine, Anacely Costa, Barbara Pires, Marina Cortez e Aníbal Guimarães. A última dica fica por conta das leituras dos textos produzidos por este sociólogo intersexo, que em breve terá sua tese de doutorado terminada, e do recente dossiê Intersexo da Revista Periodicus produzido também por Anacely Costa, Barbara Pires, Marina Cortez e este autor que vos escreve. ■



## Ori entre as preces de Fanon e as evocações de Beatriz Nascimento

### AUTOR:

Rodrigo Ferreira dos Reis

Uma das obras fundamentais de Beatriz Nascimento foi o filme “Ôrí”, trabalho que documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, além da própria história de vida e acadêmica da autora. O filme ainda traz o quilombo como ideia central para a compreensão do passado dos negros e projeto de futuro para resistência e permanência de culturas negras. O título do filme “Ôrí” tem sua origem na língua Yorubá, que significa “cabeça” ou “centro” e que é um ponto-chave de ligação do ser humano com o mundo transcendental.

Contudo, a autora propõe Ôrí como

forma de produção identitária para os negros em diáspora, uma relação entre intelecto e memória, entre cabeça e corpo, entre pessoa e terra. Essa construção, para a autora, é capaz de retornar ao negro a dignidade e a humanidade roubadas e dilaceradas no processo de colonização, escravidão e, posteriormente, de subalternização advinda do racismo.

Ori significa uma inserção a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito e só por aque-

les que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com o seu passado, com o seu presente, com o seu futuro, com a sua origem e com o seu momento... Então toda dinâmica desse nome mítico, oculto, que é o Ori, se projeta a partir das diferenças, do rompimento numa outra unidade. Na unidade primordial que é a cabeça, o núcleo. O rito de iniciação é um rito de passagem, de uma idade para outra, de um momento pra outro, de um saber pra outro, de um poder atuar para outro poder atuar. (NASCIMENTO *apud* ÔRÍ, 1989)

A análise do documento permite levantar evidências em relação às ideias que constituíam o pensamento de Beatriz Nascimento e que serão revertidas, no plano filmico do documentário, em imagens, narrativas orais das personagens do filme, em suas músicas e nos seus silêncios.

Ainda que possa soar óbvio, isto deve ser ressaltado, uma vez que este texto parte da concepção que o documentário “Ôrí” é a síntese de todo movimento do conhecimento produzido por Beatriz Nascimento sob a forma de uma produção cinematográfica. Reitera-se, nesse sentido, que o documentário trabalha toda uma gama de pesquisas produzidas pela autora e se estabelece em diálogo entre os campos sociais pelos quais Beatriz trafegou, como, por exemplo, a intelectualidade acadêmica e militante brasileira, negra ou não negra.

Por se tratar de uma pesquisa cinematográfica feita com um processo de pesquisa histórica, os temas abordados no documentário circulam em torno do en-

tendimento dos caminhos percorridos pelos descendentes de africanos no Brasil e os ainda por serem seguidos. O filme “Ôrí” apresenta dois eixos principais: o primeiro, a pesquisa sobre os Quilombos e seu modo contínuo de vida (a obra acadêmica de Beatriz Nascimento é permeada por sua obra artística como poeta); e, no segundo, temos a própria pesquisa de imagens sobre as formulações teóricas que embasam o Movimento Negro Unificado para definir uma “Cultura de Consciência Negra” (PEREIRA, 2018) historicamente dada.

Essas duas grandes esferas investigativas se alteram dialeticamente dentro do documentário, impulsionando a formulação de um novo sujeito Ôrí. Beatriz Nascimento atua nos predicados do ser negro revelando os fluxos contraditórios do mesmo sujeito. Assim, a autora não está atuando na oposição entre negro ou branco (como dois positivos ou opostos contraditórios), mas sim colocando em movimento os predicados contraditórios do mesmo sujeito, observando, então, as negações internas e as transformações que esse sujeito pode ter. O documentário “Ôrí”, em nossa leitura, atua como um conceito que traz reconhecimento e reconciliação, ou seja, não é a destruição do negro, mas sim atribuição de um novo sentido ao sujeito negro. Aquilo que foi lhe negado: sua humanidade.

O documentário “Ôrí” se apresenta como uma dimensão de análise que percorre um caminho onde se intenta demonstrar uma nova tomada consciência: a reconciliação do ser, sua transformação de objeto (construído na escravidão) a sujeito. Mas essa tomada de consciência também apresenta outro lugar para além do sujeito que pensa (e logo existe) nesse recinto de verdade.

Ôrí é corpo e intelecto, mas também é terra e território, espírito e alma, é símbolo que, quando ritualizado nas esferas cotidianas, explica uma História, narra

histórias e conta estórias.

Ôrí rompe com o mito negro, torna-se negro<sup>1</sup>, pois dá um novo significante a esse sujeito, porque sai do biológico/história e entra no ritual/história<sup>2</sup>, produzindo, com isso, nova percepção. Assim, Beatriz Nascimento sai da mistificação religiosa do essencialismo de que poderia ser acusada; visto que, desde uma obra artística e alegórica, ela reintroduz o elemento religioso como um instrumento de avaliação estética (KOTHE, 1978, p. 69). São mobilizados os símbolos de uma crença à qual nem todos são filiados, mas cujos símbolos, ao serem alegorizados, adquirem para si outro caráter, expresso na capacidade de julgar a sociedade e a história.

Parto da perspectiva de que o filme documentário “Ôrí” procura ser o decodificador de linguagem constituída nas duas dimensões do negro (FANON, 2008, p. 33), é a estrutura linguística constituída dos escombros da história. Na obra, nos deparamos com as afirmações: “Eu sou Atlântica”, “eu sou preta”, “eu sou negra”. O poder falar: “eu

sou”, para Fanon (2008, p. 33), significa: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia da tal língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”.

Neste sentido, documentário ganha seu status de agente que provoca a descolonização ao contrapor-se à racionalidade moderna iluminista em cujos seios nasceu a colonialidade, codificando o racismo, colonizando territórios, corpos e mentes e fazendo passar a existir em seu meio “[...] um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural- toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (FANON, 2008, p. 34).

Com o encantamento, a ancestralidade e o renascimento daquilo que estava sepultado – tomando a linguagem por agenciamento celestial –, retoma-se um tempo ritualizado, um tempo que suporta uma civilização, uma racionalidade outra que insere o Eu em uma nação mítica e política

---

1 Faço aqui referência ao trabalho da Entidade Teórica Neusa Santos Souza e sua obra: *As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. É preciso deixar entendido a especificidade que o trabalho da autora, que investiga por meio de entrevistas os mecanismos psíquicos ao qual o sujeito negro ou negra operam quando lançada uma ascensão social de classe, como lidar com a dor, prazer, as denúncias provocadas pelo racismo, violência psíquica no qual negros e negras se veem no seu reflexo dos espelhos e nos seus desejos em um espelho o branco imaginário que jamais alcançaram. Assim é importante dizer que as análises promovidas pela autora são e devem ser lidas sobre este contexto. Porém, ao falar sobre o mito negro, a autora não se restringe apenas aos seus sujeitos de análise, indicando que este mito negro está posto na sociedade brasileira. Minha observação assim recai sobre o tema do mito negro, texto de Neusa Santos Souza, e não sobre toda sua obra.

2 A representação do negro como o macaco elo e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que reduz e cristaliza à instância biológica. Esta representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história (SOUZA, 1983, p. 28).

que apresenta a chave dialética da alegoria<sup>3</sup>, descoloniza o sentimento de liberdade que vive amarrado ao ressentimento e liberta. “Eu sou” para a alma, dirige-se, portanto, para a humanidade e diz como um ato de saber: “eu sou a Guerra do Peloponeso<sup>4</sup>”. Assim, Ôrí lhe entrega um passado pertencente a toda humanidade, é o vencedor da luta que cujo prêmio da vitória dá um lugar de reconhecimento ao derrotado<sup>5</sup>, desenclausura os que estavam na Torre da substancialidade do Passado (FANON, 2008, p. 187).

A promoção do reconhecimento por

Ôrí não se dá por vencer uma revanche, muito menos por representar o ser que puro vocifera um patológico da liberdade (FANON, 2008, p. 187). Ôrí não quer se incumbir de ser um ideal da comparação racial que denote maior valor em comparação ao outro (FANON, 2008, p. 176). “Ôrí” em seu formato de documentário, Ôrí em sua concepção filosófica, Ôrí em sua manifestação religiosa vigora como presença sem abandonar o presente, ou seja, simplesmente apresenta o ato de viver as ações cotidianas, o que, por sua vez, representa o axé, a força vital, em

---

3 “O próprio de exprimir a “ transcendência absoluta já é negá-la enquanto absoluta e delimitada enquanto transcendência. Se ela realmente fosse absoluta, não poderia ser expressa nem por símbolo, nem por alegoria. A própria existência do símbolo mesmo do sentido que Scholem quer dar a ele, já começa a corroer a transcendentalidade daquilo que ele pretende simbolizar, já a mostra como humana. A arte já tem em si, portanto, os elementos que a supera: participar da dialética do iluminismo. Se a transcendentalidade e teológica, mesmo a do ‘Atheos absconditus’ realmente o fosse, seria impossível e não teria sentido expressa-la. Expressar é delimitar e domar. Por outro lado, se o símbolo, com toda sua carga originária de uma visão teológica, pretende ser expressão dum instante de divindade, então ele procura re-ligar, também o homem a algo transcendental (Ferne), algo que é fantástico como uma utopia já realizada, mas noutro mundo. A arte torna-se então uma manifestação disto, confirma a ligação. E religião é re-ligação, este momento pode ser talvez, encontrado até num teórico ateu como Adorno, para que a arte teria por função resguardar a utopia. A alegoria se recusa a isto. Mesmo que compartilhe o momento metafórico como o símbolo, este é centrípeto, enquanto ela é centrífuga. A sua própria natureza impossibilita uma afirmação unívoca necessária a uma crença firme. Ela assume as mil configurações do demo; sua natureza corresponde mais à natureza da arte. No fundo, toda obra de arte acaba sendo uma alegoria. Mas se, por um lado, é preciso lembrar que o ‘algo distante’ (Ferne) da conceituação de aura não precisa indicar necessariamente esse mundo transcendental (pode laicizar-se, indicando o passado pessoal ou lugares distantes), por outro é preciso não esquecer que o próprio fato de expressar secularização de algo pretensamente transcendental ainda é um modo de mantê-lo vivo. Daí a sua dialética de esclarecimento e regressão. Se a Dialektik der Aufklärung de Adorno e Horkheimer de um ponto de vista marxista por não apresentar uma visão da história como luta de classe, mas sim, idealisticamente, uma visão da história como a luta entre o iluminismo e mistificação, intra-esteticamente este enfoque pode ser aproveitado, pois corresponde a uma visualização estética da história” (KOTHE, 1978, p. 71-2).

4 “O negro, mesmo sendo sincero, é escravo do passado. Entretanto sou um homem, e neste sentido, a Guerra do Peloponeso é tão minha quanto a descoberta da bússola. Diante do branco, o negro tem passado a valorizar e uma revanche a encaminhar” (FANON, 2008, p. 187).

5 Ler em: Ôrí vence os orixás em uma disputa. In: PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 481-3.

dimensões diversas no tempo no espaço. Ôrí é a dimensão aberta da consciência de liberdade que Fanon procurou em suas preces e a dimensão humana que vem antes da dimensão preta da intelectual brasileira, do intelectual martinicano, do branco europeu. Na qualidade de documentário, “Ôrí” segue os requisitos fanonianos de “sensibilizar o outro, sentir outro, revelar-me outro” (FANON, 2008, p. 191).

Assim, o documentário está justamente entre as preces de Fanon e as evocações de Beatriz Nascimento. As diversas respostas que existem entre esses tempos e lugares são o resultado de um pensamento que tenta decifrar as intenções e invenções do colonialismo. Para além disso, o documentário é um ato de vida em que o sujeito negro brasileiro pode falar sobre dores psíquicas, físicas, materiais e simbólicas; mas ele, como um ato de

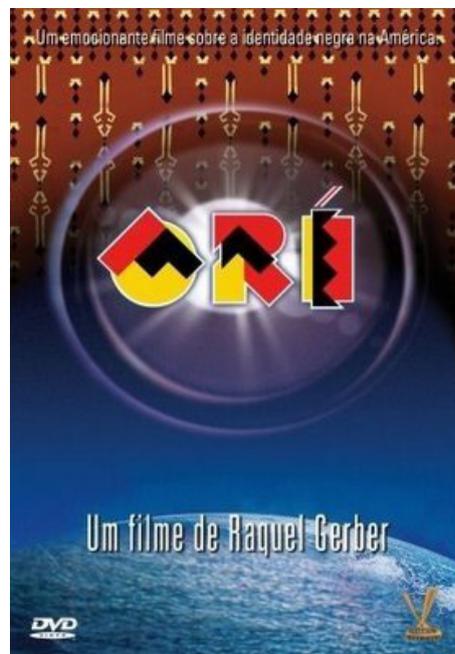
humanidade, vai falar de amor e de alegria de sabedoria e conhecimento.

“Ôrí”, o filme, vem como essa denúncia, dizendo que tentam eliminar os corpos de negros, também vem dizendo em forma de abraço, vivam, por favor, vivam, porque é disso que Ôrí se constitui, ou seja, da própria matéria da vida, que está para além da vida, portanto vivam, insistam na vida, no seu corpo e no seu território.

Apesar de tentar apagar nosso passado, e com isso eliminar as possibilidades de um retorno e de constituir uma identidade, é na insistência de vida que constituímos um corpo que tem voz, memória e todo dia voltamos a esse território, sejam dias ruins ou dias bons, mas voltamos para viver outro dia, renascer no mesmo corpo, criar identidades no mesmo corpo e sempre que possível agradecer por esse corpo negro. ■



ARQUIVO NACIONAL



REPRODUÇÃO



## ENTREVISTA

*Dia Internacional da Pessoa com Deficiência,  
Psicologia e a Luta Anticapacitista*

**CAMILA ALVES E WALLERIA SURI**

por Vitória Bernardes

**1) Dia Internacional da Pessoa com Deficiência: quais razões nos fazem celebrar a data e quais a tornam mais um dia de resistência?**

**Camila:** Eu diria que as mesmas razões para celebrar são também as razões que fazem deste dia um dia de resistência; a nossa luta! Mas acho importante lembrarmos nessa data de anos de movimento, das pessoas que vieram antes de nós, das nossas conquistas e das nossas ancestralidades. Acho que é um dia importante de lembrar que nossa história vem de anos, feitas por muitos corpos. Nesta data, o presente se encontra com o passado, a gente celebra e resiste às labutas de todo o

dia. Mas a resistência não para nunca, numa sociedade capacitista existir é resistir. E num período político em que os direitos das pessoas com deficiência estão sendo constantemente ameaçados, a gente celebra resistindo, e para as pessoas com deficiência celebrar é um ato político de resistência.

**Walleria:** A celebração se impõe em decorrência de avanços contínuos verificados no campo do engajamento e da mobilização de organizações da sociedade civil protagonizadas pelas pessoas com deficiência. Em uma sociedade tão hostil com relação às deficiências humanas, onde nenhum es-

paço está dado e qualquer participação social, por mais simples que seja, precisa ser conquistada mediante muita luta, conseguir estruturar organizações criadas pelas próprias pessoas com deficiência para disputar todos os espaços de representatividade social é motivo de merecida celebração.

Já no que se refere à resistência, para esta não há tréguas. Pois a própria celebração tem sua motivação na constatação de que a resistência hoje é mais robusta e abrangente, na medida em que se amplia a adoção de estratégias diversificadas, elaboradas e executadas por movimentos compostos e liderados por pessoas com deficiência. Nesse sentido, a celebração e a resistência se fundem, evidenciando ao mesmo tempo a potência e a vulnerabilidade desse segmento de pessoas. Diante de um cenário de exclusão profunda em todas as áreas, onde o direito ao acesso a elementos básicos de dignidade humana são ignorados e negados pela sociedade às pessoas com deficiência, consideramos que aquilo que celebramos na realidade é nossa força de resistir.

**2) É necessário evidenciar o processo histórico – social, político, econômico – de invisibilidade de pessoas com deficiência, inclusive com discursos que ainda minimizam/esvaziam/negam a deficiência como identidade política. Nesse sentido, como construir uma luta anticapacitista, incluindo o protagonismo das pessoas com deficiência e o papel a ser desempenhado pela Psicologia?**

**Camila:** Eu diria que só é possível construir uma luta anticapacitista em que as pessoas com deficiência sejam protagonistas de suas próprias vidas, pautas e histórias. Qualquer movimento que nos devolva para a subalteridade é opressor. Nesse sentido, considero que parte desse processo de transformação exige revisão profunda dos nossos modos de ordenar o mundo e os corpos, de ordenar a deficiência. É necessário recolocar as definições de cuidado, interdependência, autono-

mia em pauta. É necessário uma revolução.

A psicologia deve visar à garantia dos direitos das pessoas com deficiência, rompendo com práticas do isolamento, seja em ambientes segregados dentro de instituições comuns, seja em instituições exclusivas, ou mesmo na própria família. Cabe à psicologia e aos psicólogos adotar práticas anticapacitistas e conhecer os danos dessa violência em nossa saúde mental. Cabe à psicologia, como ciência de transformação de mundos e realidades, se juntar à nossa causa num gesto de compromisso ético, político e estético com nossas existências.

**Walleria:** O capacitismo é nutrido pela compreensão cultural de que a capacidade de uma pessoa é determinada pelo grau de funcionalidades físicas, sensoriais e intelectuais de seu corpo. E a desconstrução dessa compreensão é algo que deve ser realizado, principalmente, com intervenções no campo da psicologia.

No entanto, mais do que atuar na seara da conscientização coletiva e na contribuição do desenvolvimento de práticas comportamentais inclusivas, o que se faz importante como tarefa da psicologia, em sua missão de promover saúde mental de forma universal, é direcionar esforços que possam adequadamente acolher, empoderar e informar as pessoas com deficiência, deixando-as cada vez mais preparadas para o enfrentamento de suas lutas cotidianas, não como alguém que tem a obrigação de superar todas as adversidades para provar que é capaz, mas como alguém que tem os mesmos direitos de ocupar todos os espaços na sociedade, reivindicando oportunidades e acessibilidades equânimes às oferecidas às pessoas sem deficiência.

Somente com a circulação massiva de pessoas com deficiências em todos os espaços de interações sociais se terá o impacto cultural suficiente para enfraquecer e dissolver o capacitismo na sociedade, e na pavimentação desse caminho, a psicologia tem um papel vital.



**GAUTHIER  
KASONGO MBUYI**

*Um pouco sobre a trajetória dos trabalhos do Artista: Shambuyi Wetu, desde que se mudou para o Brasil, desenvolve trabalhos a respeito da diáspora do imigrante africano no mundo. Por seu tema ser denso, é inevitável elencar questões como o racismo estrutural, especialmente em relação a esses imigrantes que encontram-se numa situação de diáspora bem diferente dos antepassados brasileiros que vieram escravizados.*

*Shambuyi é um artista multifacetado que utiliza majoritariamente nas suas obras elementos de reciclagens. Como levantado na sua primeira exposição individual (TSHIMBONDATION, 2019), Shambuyi aborda de forma cosmológica a nossa relação com o lixo, trazendo para o conceito diversos aspectos da relação humana, da mesma forma que produzimos.*



**LOUISE  
SANTANA**

*Os dados de um levantamento inédito realizado a partir do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com a Unicef e divulgado em outubro de 2021 apontam que cerca de 100 crianças e adolescentes de até 14 anos são estuprados por dia no Brasil.*

*Embora sejam dados públicos e assustadores, ainda não dão conta de refletir a gravidade da violência sexual durante a infância e juventude no país.*

*É preciso romper os silêncios, oportunizar caminhos de escuta para as vítimas e espaços seguros longe de seus abusadores; nesse sentido, cultura e educação atuam de forma conjunta na construção da consciência dos espaços de proteção para que saúde e segurança possam ser caminhos possíveis a partir do entendimento da vítima sobre a violência sofrida, de seu fortalecimento para a realização da denúncia e da oferta de segurança e que lhe conceda forças para seguir em frente no enfrentamento das questões.*

*Penso que precisamos colocar as vítimas no centro da busca pela solução dessa problemática no país, fazer isso de forma responsável e honesta, livre dos nossos dogmas individuais e de nossas crenças pessoais, é preciso tratar o abuso sexual como questão de saúde permanente e urgente e ofertar caminhos que proporcionem à vítima poder seguir em frente.*



**MARIA JANE SOARES  
TARGINO CAVALCANTE**

*Dia do Imigrante. O dia 25 de junho foi reconhecido como o dia do Imigrante por meio do Decreto nº 30.128, de 14 de novembro de 1957. Foi lançada nessa data pela Assembleia Legislativa do estado de São Paulo, pelo término das celebrações da semana da imigração Japonesa, festejada a partir de 18 de junho.*

*Segundo registros e estudos sobre os povos ciganos no Brasil, esse povo de uma cultura milenar chegou ao Brasil no ano de 1574, refugiados de outros países que os perseguiam e perseguiam suas famílias. Famílias que tentam até hoje se preservar e preservar sua cultura. Sabe-se que o Brasil é um país acolhedor de pessoas que vivem na miséria, que são tratados como minoria em busca de seu sustento. São vários fatores que têm marcado a trajetória dos povos ciganos: racismo, preconceito e discriminação. Isso ocorre em razão de não terem sido acolhidos, portanto negaram-lhe o direito de terem uma vida digna de estudar, de terem seus territórios ou mesmo de acessar alimentação saudável. Para os povos ciganos todos os direitos foram negados: direito de ter voz, espaço de fala. Os ciganos sempre foram tratados como indigentes e condenados ao analfabetismo, até hoje eles sofrem na pele esse impacto que ocorre em todo seu povo, isso os tem prejudicado no momento de ocupar seus lugares de fala e buscar seus direitos como cidadãos brasileiros que são.*



**MARIA ROSA DE  
SOUSA RODRIGUES**

*Desde muito cedo, as mulheres trabalhadoras rurais são estimuladas, a partir do contexto de negação de direitos, a refletir sobre que sociedade ela quer construir para elas e para os seus. É isso mesmo, as lutas protagonizadas pelas mulheres rurais são ousadas, têm potência porque seu alicerce é sua coragem e seu desejo de mudanças coletivas.*

*Foi vivendo com as mulheres camponesas, especialmente nos assentamentos da reforma agrária do município de Itapipoca, que descobri a potência que há em mim. Foi privilégio ver, sentir e acolher sentimentos mistos de alegria, riso, choro, grito a cada conquista, como o direito à terra, à água, à energia e ao crédito.*

*Na minha caminhada junto à comunidade camponesa, muitas estradas avistei e percorri. No Movimento Sindical de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais, encontrei e tenho o privilégio de conviver, sonhar e lutar com mulheres que fizeram de dias difíceis, motivos para continuar lutando.*

*Vi “Marias” serem libertas das amarras da violência, “Franciscas” ocupando seu lugar na política, “Margaridas” construindo e seguindo firmes em marchas por uma sociedade justa, igualitária, democrática e inclusiva. Presencio no meu cotidiano mulheres trabalhadoras rurais ocupando seus lugares nas universidades.*

*Mulher não sonha sozinha, ela sempre sonha e luta com tantas outras mulheres. É assim que as mulheres “alargam” caminhos, rompem barreiras e constroem possibilidade de vencer, todos os dias, a ira do machismo. Temos muito que caminhar, a estrada é cheia de pedregulhos, mas nada que pode frear a coragem e a ousadia que tem a mulher camponesa.*

*As mulheres gestam e parem/concebem a humanidade. E as mulheres camponesas também gestam e fazem a terra parir, dando vida e alimentando o mundo. Eu desejo continuar fortalecendo as fileiras das mulheres camponesas que lutam, sonham e constroem as revoluções cotidianas.*